PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

**REVISTA DE GEOGRAFIA
(UFPE)**

www.ufpe.br/revistageografia

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

O IMAGINÁRIO E A TRANSFORMAÇÃO DO TERRITÓRIO EM LUGAR

José Lacerda Alves Felipe¹

¹ Prof. Dr. Departamento de Geografia/UFRN . Email: jlacerdafelipe@gmail.com

Artigo recebido em 08/09/2013 e aceito em 10/09/2013

RESUMO

O território é a cidade de Mossoró no Rio Grande do Norte, que sua elite política representada pela oligarquia da família Rosado transforma em lugar. Para tanto os Rosado, recorrem a história da cidade, realçando os fatos heroicos e positivos e escondendo os acidentes e os fracassos. Os mitos e heróis dessa história recontada são apropriados e resignificados, e fornecem para o grupo político um discurso de que só estão na política para cumprir aquilo que os antepassados sonharam e não tiveram condições de realizar. A história é recontada nos livros da coleção Mossoroense e nas páginas dos jornais locais, transformando-se em discurso. Ela sobe o palanque nas campanhas políticas e ornamenta as falas nas festas cívicas e nos rituais que reverenciam o passado e os Rosados como organizadores desses templos com seus altares e seus deuses. O lugar concebido é mágico pela capacidade dessa recorrência ao passado e os Rosados criam uma imagem de que estão aptos para através do domínio de prefeitura local, emoldurar a vida social da cidade.

Palavras chaves: território, lugar, imaginário, Mossoró, família Rosado

MAIN THE IMAGINARY AND THE TRANSFORMATION OF THE TERRITORY IN THE PLACE

ABSTRACT

The territory under our scrutiny is the city of Mossoró in Rio Grande do Norte state. Its political elite, the familial oligarchy Rosado, converts the territory into a place of meaning. For that the Rosado resort to the city's history, highlighting heroic, altogether positive facts, and hiding accidents and failures. Myths and heroes of this often told history are appropriated and given new meanings, providing the political group with a rhetoric which says that they are in politics to fulfill the wishes and dreams left unrealized by noble ancestors. The history is retold in the books of Mossoroense Collection and in local newspapers. It attains the status of discourse, to be used in electoral campaigns, civic parties and rituals that glorify the past. Keenly enough, the Rosado family is fond of being portrayed as organizers of these temples with its altars and gods. The place conceived as such is magical for being connected with the past. Through it, the family creates an image of ability, to the effect of convincing people that their hegemony over the mayorship implies the framing of the city's social life.

Keywords: territory, place, imaginary, Mossoró, Rosado family clan

INTRODUÇÃO

A cidade de Mossoró imaginada e divulgada pela sua elite política passa a ideia que geograficamente a imagem que se pretende fixar é a de um espaço-lugar, marcado pela memória e pela vivência, onde ambos atuam como um elo com o lugar anterior, enfatizando uma continuidade, uma permanência. A cidade imaginada agora não cabe no Rio Grande do Norte. É a Cidade-Estado – um ente coletivo imagético capaz de garantir o domínio de um grupo político familiar nesse território que os mesmos tentam transformar em lugar.

Neste sentido, o domínio de fato é mascarado pelo discurso da permanência e o lugar re (inventado) é um "país", onde o grupo político e familiar é reconhecido por todos, inserindo a família e o seu domínio político nos signos identitários do lugar.

A forma de tecer e (re) inventar esse "novo lugar" é feita através de uma narrativa, onde os Rosados transportam as razões de história do século XIX que apontavam para a civilização, o progresso e a trilogia da Revolução Francesa (liberdade, igualdade e fraternidade). O passado vai participar do discurso dessa (re) modelagem da cidade que o grupo familiar e as elites dão apoio, querem que reflita a sua imagem e atenda aos seus interesses, valores e aspirações.

O resgate do passado, portanto, não passa pela discussão do fato histórico e da sua objetividade, pois o que interessa é o novo relato, uma textualidade refeita movida por uma intenção que imprime um novo significado para os fragmentos do passado (Gomes, 1997).

Os mitos e heróis dessa história resgatada são reapropriados, resignificados e ganham concretude porque passam a fazer parte da vida das pessoas. São eles que vão participar da construção presente, norteando as ações, como na criação da Escola Superior de Agricultura de Mossoró – ESAM, pois *'já era tempo de realizar o sonho quase Centenário do suíço[sic] João Ulrich Graff, criando a grande Escola do semi-árido nordestino'* (Rosado, 1987, p. 5). A inauguração do poço artesiano com águas termais para abastecer a cidade é a realização do sonho de Jerônimo Rosado. Assim os sonhos dos mitos fundadores vão se realizando, através dos Rosados, como se fosse uma prestação de contas com a história e com a memória dos seus santos e heróis.

O conhecimento da história do lugar, da sua memória coletiva, fornece os elementos para a invenção de uma cultura particular. Que ao interpretar essa história, imprime à mesma outros significados, outras intrigas, um enredo novo produzido com os fragmentos do passado, um novo texto para trazer o grupo político para a galeria dos heróis da cidade (Albuquerque Júnior, 1995).

Essa trama da história esculpida fornece os elementos para os Rosados elaborarem os

elos de passagem do imaginário social para o imaginário político e deste para um imaginário geográfico. Pois "*o meio histórico, que é também meio geográfico*" (Santos, 1996, p. 101), sinaliza que o imaginário social já contém pela ligação com o lugar, um imaginário geográfico, pois "*embora fruto de um atributo humano – a imaginação – é alimentada pelos atributos espaciais não havendo como dissociá-los*" (Castro, 1997, p. 178).

Ao transportar o projeto político do grupo familiar para um território específico e delimitado – que também é lugar pelas marcas de memória, pela vivência, uma sociabilidade que envolve hábitos e costumes – geram uma cotidianidade que induz a "estar junto com os seus" (Maffesoli, 1984). Os Rosados suscitam uma nova figura simbólica, uma geografia imaginária – o "país de Mossoró"; para tanto transformam os elementos do bairrismo, que abastecem os conteúdos e o anedotário das disputas entre Natal e Mossoró, em um "patriotismo local".

Essa capacidade de mobilizar símbolos, signos e os rituais de uma identidade sócio-territorial (Castro, 1997) transforma em significante o "país de Mossoró" o território político, que os Rosados constroem com o discurso do lugar e com o domínio das instituições locais. Assim, o imaginário político do grupo ganha significado, já que "*os homens não agem em função do real, mas em razão da imagem que fazem dele*" (Claval, 1997, p. 94).

"O país de Mossoró", se assemelha à República de Comte – uma comunidade, uma extensão da família guardada por laços afetivos e identitários, perpassada pelo altruísmo positivista⁽¹⁾, uma cultura intelectual, que os Rosados trazem para o domínio da política, movidos pela imagem de que estão todos ali, para viabilizar os sonhos do passado, mas, acima de tudo para fazer a história, a sociedade e o lugar.

Assim como as elites do passado, os Rosados da contemporaneidade também transformam a natureza (o semiárido, os rios que precisam ser perenizados, a geologia sedimentar e as possibilidades de petróleo e água) em discurso político "*da Tribuna do Senado Federal por mais de uma vez, Dix-huit Rosado defendeu o aproveitamento das águas do arenito Assu como solução para o abastecimento de Mossoró*" (Rosado, 1993, p. 113). Utilizando-se das imagens coletivamente construídas, eles transformam essa base do imaginário social em discurso, uma retórica para a ação política.

Essa oligarquia como grupo político, conta com outros aliados fora do núcleo familiar, desde os "cabos eleitorais", passando pelos donos dos "currais eleitorais" até os intelectuais. Com eles vão dirigir os negócios públicos da cidade e da região e especificamente com os intelectuais que direta ou indiretamente, conscientes ou não, participam da elaboração desse objetivo estratégico que era fazer-se a história para recuperar o passado, e dominar o presente.

Com estes os Rosados lapidam a história da cidade e transformam a mesma em uma

narrativa estoica, “uma epopeia... que esconde os acidentes, os fracassos e as fraquezas dos atores” (Balandier, 1976, p.213). Para tanto recorrem às heranças da cultura francesa que acalentou as elites brasileiras por várias décadas desses dois últimos séculos. Todo o esforço é para firmar a cidade, agora imaginada como um "país".

Por isso, a imagem criada por Vingt-un Rosado de um "país", se assemelha ao *pays* lablachiano, ou seja, uma região. Mas passa também a ideia de uma representação – de um lugar como atributo, como condensação, como memória. Uma apreensão talvez influenciada pelas falas dos geógrafos que fizeram em seus estudos de campo, simpósio e palestras "*considerações gerais sobre a região de Mossoró*".

Para a invenção do "país de Mossoró" Vingt-un recorre ao ordenamento efetuado pela sociedade de suas vivências, sua memória, seu patrimônio cultural. Realçando os mitos e induzindo a criação de outros, alterando a narrativa, onde são lembrados apenas aqueles fatos potencialmente capazes de gerar "*devoção e encantamento porque foram positivos para as instituições e para a sociedade como uma totalidade viva e sensível*" (DaMatta, 1985, p. 32).

O espaço concebido é mágico pela capacidade dessa recorrência ao passado e de trazer dele a imagem de um cotidiano sem conflito, um emolduramento da vida social fixando valores e os sujeitos capazes de exercer o poder. O "país de Mossoró" seria santuário e ninho, a casa e a rua pontuada por rituais para mobilizar e firmar a sociedade e esse lugar que renova a sua cosmicização e se revitaliza como um "país".

Mas recorre também aos intelectuais que produzem as imagens de uma "geografia heróica", feita por homens especiais que "desafiam o sol" e traçam uma cidade "*sob a mais viril concepção romana [...] [ou ainda] [...] pela hospitalidade castelã do seu povo que se tornou um verdadeiro povo da definição renaneana*" (Barbosa, 1978b, p. 7), pois

o que surpreende em Mossoró, ao primeiro lance de vista, é a batalha de conquista da terra. Os mossoroenses revogavam as leis mais cruéis da geografia humana. O exemplo dos desertos que ponteiam nosso infeliz paralelo, a sina de desolação das áreas nordestinas nos estados pobres, tudo desiluda o esforço da conquista e a florescência de uma civilização.

Em Mossoró sucedeu esse milagre. O homem criou a sua paisagem, ergueu sob o vento rijo e a água fugida uma cidade que é uma cidade que é bem um dínamo, que lembra mesmo um grande coração estuante, irradiando, por léguas e léguas de sertão devastado, o calor e vitalidade do seu progresso (Barbosa, Ibid., p.9)

Câmara Cascudo reforça Edgar Barbosa ao se referir à cidade como uma fortaleza, onde os desafios para superar a escassez de água, retempera as forças dos homens para resistir de forma obstinada ao ambiente hostil. E seria essa luta que teria formado "*o orgulho mossoroense pela sua terra, o petit pays*" (Cascudo, 1975, p. 223).

Essa seria a primeira referência dessa imagem que compara a cidade a um "país". Os geógrafos reunidos em Mossoró, na XV Assembleia da Associação de Geógrafos Brasileiros em 1960, certamente e sem nenhuma intenção, forneceram também material para esse imagético "país" que Vingt-um, a partir dos anos 60, pensa como paisagem, região, casa, rua – um lugar.

Os pressupostos lablachianos aparecem nas interpretações dos intelectuais, onde a cidade é vista como uma unidade espacial que se individualiza em relação ao Estado do Rio Grande do Norte e até mesmo do Brasil. Uma identificação que se pronuncia pelo acervo cultural, hábitos, costumes, usos e técnicas – um "gênero de vida" (2).

Ou o "País de Mossoró" seria apenas uma linguagem, usada pelo poder político para mostrar-se para os seus súditos, para obter dos mesmos o consentimento? Neste sentido, o criador desse "ente territorial" aparece como o restaurador de uma continuidade daquele lugar do passado. (3)

O "País de Mossoró" seria a construção de uma ordenação temporal, onde a memória e a sua narrativa, torna o tempo mais humano, possibilitando a construção de um sentimento de lugar – uma nova dimensão que homogeniza através da história uma sociedade heterogênea?

Essa seria, também, a forma de ver esse lugar em duas dimensões: o interno e o externo. "*Um interno de onde se retiram ou minimizam as contradições*" (Albuquerque Júnior, 1999, p. 79) e um externo que coloca em risco o que o lugar tem de estável e natural.

A ideia é de que as forças externas à cidade não guardam identificação nenhuma com essa comunidade. Portanto, o governo legítimo era aquele exercido por delegação do passado. Esse poder transpunha as fronteiras da cidade, que agora é centro de uma região, cuja soberania política passa a ideia de que o grupo que se apropria politicamente desse território real, dispensa a presença de outros poderes e representação quer seja do Estado do Rio Grande do Norte ou até mesmo do governo nacional, mesmo quando a realidade mostrava um processo de dependência e submissão do grupo a todas essas instâncias de poder.

Essa falsa autodeterminação é alimentada por um discurso que incorpora a história do lugar, uma memória que resgata os mitos e seus sonhos, e são eles que vão balizar essa imagem de que a cidade e por extensão a região e parte da sua elite guardam uma potencialidade de determinar o destino dessas comunidades.

Os Rosados montam o teatro e a repetição da peça onde eles organizam o lugar

estabelece uma hierarquia para a história e os seus conteúdos, realçando fatos e tornando irrelevantes outros. E o sucesso que chega através das urnas (das onze eleições pela disputa da prefeitura de Mossoró, o grupo só perdeu uma), leva o grupo a acreditar que não são apenas atores, e a "herança herda o herdeiro" na expressão de Bourdieu (1989).

Os Rosados acreditam que a apropriação do território é uma nomeação para representá-lo. Mas acreditam também que a cidade como lugar e que a região como seu entorno, "*são os âmbitos pluriescalares de pertencimento simbólico*" (Escolar, 1996, p. 136), que precisam, portanto, de uma história que deve ser construída para garantir a legitimidade e a dominação.

Essa identificação incorpora elementos da análise hartshoniana – através da busca de uma individualidade na história do lugar – região – uma área de integração de fenômenos heterogêneos, onde o homem é "fator primordial" (4).

Mas a análise do "país de Mossoró" também pode ser vista como a manifestação de uma elaboração filosófica e cultural, onde as imagens são interpretadas como uma paisagem que deve ser ordenada para ser o lugar ideal.

Essas imagens contêm a ideia de um meio humanizado, por um processo civilizatório, produzido por ações de sujeitos que entram nessa história como heróis. A paisagem que se descortina é um legado do passado, cuja continuidade e permanência são asseguradas pela construção dos elementos e formas que os ancestrais sonharam, mas as suas realizações vão ocorrer no tempo presente.

Uma paisagem que os Rosados perpetuam, mesmo diante dos processos de internacionalização da produção e das mercadorias e do surgimento de outros fatores de comando da vida social colocados por esse mundo atual que Milton Santos (1996) identifica como informacional-técnico-científico.

A indagação que se faz é: seria o "país de Mossoró" uma trama para dar visibilidade a estrutura econômico-social e política que os Rosado montaram para a cidade? Ou esse ente imagético seria uma camuflagem do território apropriado, que os Rosados tentam transformar em lugar?

Essa imagem da cidade que se torna "país" é ressaltada pela realização dos congressos científicos nacionais, em que a cidade foi sede a partir da Assembleia da AGB em julho de 1960.

Nos discursos dos congressos nacionais realizados na cidade (*i.e.* geógrafos; Botânica; Florestas Tropicais; Malacologistas brasileiros; Agrometeorologia, Zoologia; Paleontologia), na história (re)contada nos livros da coleção Mossoroense, firmavam-se as imagens de Mossoró como um lugar cujo cotidiano é marcado pelos hábitos da paixão, uma comunidade cívica. Pois, segundo o jornalista e intelectual Edgar Barbosa

O espírito de comunidade criado em Mossoró, desde os primeiros anos, deu-lhe energias para resistir aos embates da sêca [sic] e igualmente às arrancadas dos mais sinistros fantasmas do deserto. Nas suas trincheiras, nas suas fazendas, nos seus campos, nas suas indústrias, no seu comércio laborioso e honrado, Mossoró é a 'urbs' traçada desde o berço para ser celeiro e castelo (Barbosa, 1978a, p. 9).

Essas imagens incorporam também aquele sentimento que cresce e se intensifica nas pequenas comunidades, criando uma identidade entre estas e as suas elites locais que dão densidade a afirmações que decodificam os Rosados como *"uma dinastia não pela força do poder, mas pelas benemerências. São quase tudo em Mossoró. A eles se deve em grande parte o desenvolvimento da cidade"* (Pereira, 1978, p. 28).

O "País de Mossoró" seria, portanto, uma duplicação do mundo real por um mundo imaginado de que fala Claval, que termina fornecendo sentido e autenticidade, onde o real é visto pelas imagens que fazemos dessa realidade (Claval, 1997).

Uma prática societal que se abastece na idéia de uma fidelidade à cidade e aos seus princípios fundadores, um desejo de socialidade que se estrutura em tomo de um território, um imaginário que se abriga em várias máscaras, astuciosamente montadas para dar a impressão de uma ética que convoca todos para viver um cotidiano que é destino, sedimentado no tempo, uma atração que assegura o lugar e a sua permanência social.

O "país de Mossoró" é uma encenação, uma aparência que envolve vários cenários, atores e atos sociais. Mas, também é uma paixão que se fundamenta em múltiplas experiências vividas coletivamente que ordenadas por uma ideia, desafiam certezas estabelecidas, principalmente aquelas de ordem política, para dizer através do imaginário das diferenças desse lugar, que sua elite política imagina com um "país".

Essa paisagem simbólica ajuda a firmar a permanência dos Rosados nesse território. Renova a imagem de que os mesmos representam uma força com capacidade de coalizão para onde converge as vontades de um povo que nesse "teatro de ação social" que é a cidade elegeram o grupo familiar os seus principais atores.

O lugar-Mossoró é no presente a expressão de uma sociedade e seus eventos atuais e do passado e a sua construção como lugar se manifesta nas formas, nos signos, no seu universo simbólico – uma alma que se renova a cada temporalização prática e a sua espacialização correspondente. O lugar das práticas cotidianas, familiares e dos grupos, uma vivência tramada nas relações sociais, que criam através das imagens e dos seus componentes simbólicos uma aderência, uma identidade.

Esse lugar de vivência e conflitos pela união de sujeitos heterogêneos requer novas leituras, novos olhares que possam decifrar a necessidade do evento, do estar-junto, do sentimento de permanência que ultrapassa o movimento das práticas cotidianas.

Já o "país de Mossoró" é uma tentativa de (re)inventar o que já está inventado – uma (re)invenção que não decifra, mesmo considerando que a matéria-prima é a memória e as imagens e signos por ela suscitados e o produto dessa (re)invenção é o lugar, pois, a intenção desse novo refazer esconde, mas não desfaz o território – território político que confirma a existência dos Rosados como grupo, que delimita os seus domínios e firmam a sua posse.

O grupo composto de políticos e intelectuais omitem ou camuflam a posse, que nivelaria os mesmos a outras oligarquias regionais, portanto, fica melhor falar em lugar em vez de território, mesmo quando a preocupação maior é definir a fronteira política que permita o controle das instituições e do aparelho estatal – elementos vitais no quadro político oligárquico para o controle dos votos em escala local e regional.

Os discursos do grupo que saem dos livros da Coleção Mossoroense e das páginas dos jornais locais, sobem o palanque nas campanhas políticas e ornamentam as falas nas festas cívicas e nos rituais que reverenciam o passado e os Rosados como organizadores desses templos com seus deuses e seus altares. Nesses discursos esse lugar imagético é visto como paisagem, região, cidade, rua ou casa – um ente espacial ou um teatro onde as encenações, as cerimônias, as festas são rituais, para legitimar o grupo familiar e tudo aquilo que os mesmos instituíram.

Esse discurso monta um cenário que esconde o território e a sua apropriação. Como atores políticos, os Rosados identificaram a função dos conteúdos simbólicos na disputa eleitoral e percebem que a imagem a ser decodificada pelos seus eleitores deve ser a de pertencimento, em vez de domínio – a imagem de lugar em vez do território que se mostra pelas urnas que demarcam as fronteiras dos votos ou pelo domínio das instituições que o poder político proporciona.

Notas:

(1) "Talvez mais que nos domínios da política, o positivismo se revelou fecundo no terreno da cultura intelectual brasileira, por haver aberto caminho a estudos científicos antes desprezados, atraídos atenções para a Matemática e as ciências da natureza, favorecendo, conseqüentemente, o desenvolvimento da técnica. O chamado "espírito positivo" alheio aos preconceitos metafísicos, era o traço materialista das concepções de Comte e abriu novos horizontes aos intelectuais que o assimilaram" (Franco, 1988, p. 19).

(2) Estes grupos heterogêneos combinam-se numa organização social que da população de um país, considerando no seu conjunto, faz um corpo. Acontece, por vezes, que cada um dos elementos que entra nesta composição adaptou um modo de vida particular.

(3) "Os antepassados são invocados cada vez que se trate de validar as maneiras de existência coletiva; eles são a autoridade suprema, incontestável e incontestada; eles quiseram que as coisas seja o que são, fora do alcance de qualquer intervenção modificadora" (Balandier, 1976, p. 190).

(4) "Na integração dos fenômenos cujo estudo geográfico nos interessa, o homem, onde quer que exista ou tenha existido, é um fator primordial, intimamente associado às outras variáveis das áreas" (Hartshorne, 1978, p. 112).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval *Muniz*. História: a arte de inventar o passado. *Caderno de História*, Natal, v. 2, n. 1,

1995.

_____. *A invenção do nordeste e outras artes*. Recife: Massangana/Cortez, 1999.

BALANDIER, Georges. *Antropo-lógicos*. São Paulo: Cultrix, 1976.

BARBOSA, Edgar. O milagre mossoroense. In: ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE MOSSORÓ. *Imagens de Mossoró*. Mossoró: ESAM, 1978^a, p.9. (Coleção Mossoroense, V. 71).

_____. Mossoró. In: ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE MOSSORÓ. *Imagens de Mossoró*. Mossoró: ESAM, 1978b, p. 7-8. (Coleção Mossoroense, v. 71).

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1989.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Notas e documentos para a história de Mossoró*. Mossoró: ESAM, 1975. (Coleção Mossoroense).

CASTRO, Iná Elias de. Imaginário político e território: Natureza, regionalismo e representação. In: CASTRO, Iná Elias de et al. (orgs.). *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná Elias de et al. (orgs.). *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1997.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ESCOLAR, Marcelo. *Crítica do discurso geográfico*. São Paulo: Hucitec, 1996.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. Porto Alegre: UFRGS, 1988.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Geografia *fin-de-siècle*: o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: CASTRO, Iná Elias de et al. (orgs.). *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1997.

HARTSHORNE, Richard. *Propósitos e natureza da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1978.

MAFFESOLI Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

PEREIRA, Nilo. Notas avulsas. In: ESAM. *Imagens de Mossoró*. Mossoró: 1978, p. 28. (Coleção Mossoroense, v. 71).

ROSADO, Cid Augusto da Escóssia. *Umas tantas incursões pelo chão da cultura*. Mossoró: ESAM, 1993. (Coleção Mossoroense, n. 1264, Série B).

_____. *Na colina sagrada da inteligência mossoroense*. Mossoró: ESAM, 1987. (Coleção Mossoroense).

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.